ENTRE O TEATRO E O TELEFONE CELULAR: LEITURAS E ESCRITAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA

Fabiano Assis da Silva (UMinho)[1]

Resumo: A minha pesquisa tem como ponto de partida a carência de apresentações da linguagem teatral nos segundos ciclos das escolas públicas de Braga, Portugal. Esta característica na grade de atividades do sistema de ensino público motivou-me a saber o porquê dessa falta e a desenvolver uma intervenção teatral com um Homem-banda para inserir as apresentações dessa linguagem em uma sala de aula da escola Francisco Sanches. Visualizando esse cenário, que se repete em várias escolas do mundo, penso ser necessário utilizar a linguagem teatral como canal de comunicação para estreitar a distância entre as pessoas.

Palavras-chave: Teatro; Telefone celular; Leitura; Transformação social; Performance

Abertura

Irei analisar aqui a atuação artística de dezoito alunos de uma escola pública de Braga, Portugal, que diante de uma performance foram estimulados a manifestar-se através de várias linguagens artísticas. "(…) a performance associa, sem preconceber ideias, artes visuais, teatro, dança, música, vídeo, poesia e cinema." (PAVIS, 1999, p. 284). Durante e após os encontros que duraram uma hora e meia em cada dia, foram produzidos pelos alunos, textos, danças, cantos, desenhos, gravação pelo telefone celular e narração. Essa análise é fruto desses contatos, onde o procedimento artístico pedagógico, que explico adiante, repetiu-se com a mesma estrutura de propostas: encontros aconteceram nos dias 16/01/18, às 15 horas, 11/04/18 às 10 horas e 02/05/18 às 10 horas, sempre na escola Dr. Francisco Sanches, na sala do sexto ano um, com total aceite da direção do agrupamento escolar. Evidencio a boa recepção da instituição que mostra interesse na continuidade desse projeto no próximo ano letivo, pois iniciativas como essa ganham força social e efetividade pedagógica quando a ação é conjunta com toda a equipe educativa. Todo incentivo foi dado pelos diretores da escola, os professores envolvidos, os funcionários mais próximos e principalmente a diretora de turma, que em níveis diferentes ajudaram a construir esse momento. Foi nesse contexto que começou o acontecimento artístico "(...) não no aspecto ficcional da fábula, mas em sua realidade de prática artística que dá origem a uma troca entre ator e espectador." (PAVIS, 1999, p. 6).

---

[1] Fabiano Assis da Silva é licenciado em Educação Artística com especialização em Artes Cênicas. Mestrando em Comunicação, Arte e Cultura no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho. Contato: fabianoassisbr73@gmail.com

Com lente de aumento nas atuações desses alunos inicio aqui este ensaio crítico. Logo na partida, antes de maiores detalhamentos, o que farei logo a seguir, cito Joseph Heinrich Beuys, que foi um artista alemão muito produtivo em diversos meios e técnicas, incluindo happening, performance, vídeo, escultura, fluxus e instalação. Uma frase aponta seu posicionamento em relação à sociedade e me conduz na análise inicial da performance das crianças. "Beuys afirmar, de maneira radical e precisa, que todo ser humano é artista." (NUNES, 2010, p. 11), que inspira para uma premissa de que todos os alunos podem se expressar artisticamente. Augusto Boal, dramaturgo brasileiro, defende um teatro participativo, onde o espectador assume papel ativo no jogo teatral.

Abre-se aqui o ponto de partida para a análise da produção dos estudantes que expressaram-se artisticamente diante de uma performance músico-teatral.

Nessas apresentações assumi o papel de artista mediador. Todos os envolvidos da escola já conheciam a performance teatral porque eu já havia estado lá anteriormente. O desafio para todos foi fazer igual, mas com frescor e novidades.

Os alunos, dependendo da sua vontade, assumiram papeis de artistas e interferiram na ação teatral na sala de aula. "Ação visível e invisível. Sequência de acontecimentos cênicos essencialmente produzidos em função do comportamento das personagens, a ação é, ao mesmo tempo, concretamente, o conjunto de processos." (PAVIS, 1999, p. 2).

Preparação

Realizei a sensibilização com música para aguçar a perceção e estimular uma curiosidade coletiva. Inicialmente ouvem-se sons produzidos fora da sala pelo Homem-banda. O espaço de tempo que antecede a ação é fértil para estimular dúvidas e vontades.

Com o auxilio de videogravação percebi que a maioria dos integrantes, ao deparar-se com o estímulo dos sons ocultos e com a incerteza do que iria acontecer efetivamente, apesar de já conhecerem o personagem, começaram a assumir uma postura corporal expressando curiosidade e a projetar um olhar para o espaço e para os companheiros com mais vivacidade. O grupo estava a se preparar para o que iria acontecer. Esse anteceder do acontecimento visual estimulou os estudantes a se organizarem.

A equipe modificou-se no corpo e no olhar. Passou a existir um desejo pelo que estava por vir e um compromisso corporal de coautoria. Como escreveu Jaques-Dalcroze "O domínio dos movimentos corporais constituirá apenas um virtuosismo sem finalidade alguma, se tais movimentos não forem valorizados pela expressão do olhar." (*apud* PAVIS, 1999, p. 267). Nessa primeira atuação da turma a sintonia estava estampada nos olhares e nos corpos que queriam a mesma coisa e apontavam na direção da abertura para

a brincadeira que se anunciava.

Apreciação dos alunos

Construiu-se um número artístico com a participação de alguns alunos, para coletivamente estimular a apropriação do aqui-agora e a coautoria na apresentação. Nesse instante o Homem-banda entrou a tocar uma música e a interagir com eles. O contato visual se estabeleceu e o jogo teatral foi o fio condutor dessa relação. "O Jogo de teatro (…) é a parte visível e propriamente cênica da representação. Ele obriga o espectador a receber o conjunto do acontecimento na força da sua enunciação." (PAVIS, 1999, p. 219). Nessa fase, os pré-adolescentes ora eram convidados a participar coletivamente em uma fruição interativa mais diluída no grupo, ora eram estimulados a assumir uma posição de protagonismo na ação artística, atuando sozinho e definindo o rumo do jogo.

Com essa entrada o relacionamento entre os espectadores e o performer caminhou para um ambiente onírico, onde as possibilidades de perguntas e respostas se ampliaram. Estimulados por uma música mais forte e ritmada, os educandos mexeram o corpo cada vez mais espontaneamente e cantaram cada vez mais rápido, com empolgação e animação. Essa música conduziu a apresentação para o clímax, "(…) parte do espetáculo que prende a atenção e marca o momento mais esperado" (PAVIS, 1947, p. 48).

Com esse aumento de energia, formou-se realmente um time, criou-se uma intimidade com a performance e todos ficaram mais à vontade para interferir. Alguns já eram coautores e mostravam-se interessados em participar ativamente. Outros, ainda tímidos, precisavam de mais motivação. Um dos participantes tomou a frente, começou a comandar o jogo e a fazer humor com competência. Naturalmente ele ganhou confiança. A classe inteira modificou-se e ficou maleável para as próximas atuações.

Nessa altura, a ação era realmente de responsabilidade de todos que estavam ali na intimidade da sala de aula. Alguns estudantes, um pouco retraídos, foram chamados para participar e o desafio primeiro era bater no chapéu do Homem-banda e acompanhar o ritmo da música que estava sendo executada ao saxofone. Após erros e acertos, que foram aceites e muitas vezes incorporados na estrutura, os pré-adolescentes ficaram mais tranquilos e além de tocar o prato no tempo combinado, comunicavam-se com o corpo e com o olhar entre os colegas. Essa vitória da equipe em conduzir com graça e tranquilidade a performance mostrou-se um grande êxito para o coletivo e a própria reação dos integrantes diante da conquista do outro era alimentadora para a intervenção.

Ensaio geral

Foi proposto um desafio criativo que levou em conta os avanços artísticos e

relacionais da fase anterior. Vários estudantes tinham que tocar simultaneamente os instrumentos acoplados ao corpo do homem - banda e caminhar atrás dele ao mesmo tempo. Buscar a harmonia musical e a sintonia foi o objetivo dessa empreitada. Improvisar foi preciso e a equipe teve que lidar com "(…) algo imprevisto, não preparado antecipadamente e 'inventado' no calor da ação." (PAVIS, 1999, p. 205),

Os pré-adolescentes assimilaram vários combinados teatrais e musicais simples. Todos executaram uma micro apresentação de improvisos do que foi ensaiado na frente da classe. A cumplicidade se fortaleceu, fez crescer a empolgação e preparou a turma para o cortejo final. Como finalização da apresentação os estudantes que participaram de todo o ensaio no momento anterior, tocaram junto com o Homem-banda, passearam pela sala e despediram-se fazendo gracejos coletivos para os outros colegas.

Um dos problemas que aconteceu foi a falta de sintonia para tocarem e andarem ao mesmo tempo, sem atrapalhar os parceiros. Eventuais encontrões começaram a desaparecer quando descobriram, durante a ação, algumas estratégias para a harmonia dos sons e movimentos. Foram apropriando-se do corpo no espaço e criaram uma engrenagem, para encaixar-se na música e no deslocamento. O cortejo saiu pela porta até que o silêncio dos instrumentos e a pausa coletiva colocou um ponto final na ação.

Reflexão artística

Em uma roda de conversa, após cada encontro, sempre aconteceu uma avaliação sobre os resultados. A pergunta central era: "Qual o sentido da vivência para cada um?" Na sequência, cada estudante fez uma produção artística reflexiva sobre a apresentação, que poderia ser através de texto poético, desenho ou por gravações nos telemóveis, de músicas compostas por eles, sob a inspiração do que tinham visto, vivido e refletido.

No terceiro encontro, dia 02/05/18, durante a roda reflexiva, teve um momento, no meio das avaliações que, sugerido pela professora da sala, a malta unida levantou-se com ânimo, cantou e dançou uma música que já tinha sido ensaiada por eles para outra ocasião. Senti que eles estavam orgulhosos deles mesmos cantarem com tanta segurança naquele sítio. Aconteceu uma troca de papéis e a equipe assumiu o controle total com coragem e delicadeza. Expressaram-se com presença corporal e um olhar vivo, mesmo quando cometiam pequenos erros. Percebi que a vivência, com as performances ao longo dos nossos encontros, contribuíram com o posicionamento da turma em relação à proposição, o que foi confirmado pela professora, diretora de turma Isabel Candeias: "(…) antes quem só falava uma palavra na sala, já está cantando, quem não gostava de escrever, já fez até poesia." O que percebi nesse dia é a necessidade da liberdade de expressão e a arte pode

abrir esse espaço dentro da escola. “O domínio de uma nova linguagem oferece à pessoa que a domina, uma nova forma de conhecer a realidade e de transmitir aos demais esse conhecimento.” (BOAL, 2005, p. 125).

No segundo encontro, dia 11/04/18, três amigos resolveram gravar uma música no telefone celular com uma crítica sobre a apresentação e enviaram a mim essa produção. Nessa canção cada aluno ocupou uma função. Uma cantora, um *beatbox*, sons com a boca, e o terceiro que batia palmas no ritmo. Foi uma vitória para eles poder realizar a crítica a cantar. Trouxeram um gênero musical, que não tinha sido utilizado nas intervenções. Tiveram a liberdade de mostrar algo que produzisse sentido para cada um, o que potencializou o significado da intervenção para eles.

Existiu uma dificuldade em lidar com a tecnologia em relação às possibilidades de edição, por conta de sinais de internet. O problema foi mais da estrutura da escola do que dos alunos. Essa limitação determinou alguns resultados que explico agora. Em todos os dias, principalmente no dia 26/01/18, os pré-adolescentes foram estimulados a gravar com telemóvel toda a performance. Até aí tudo correu bem. Estimulados na interação produziram os vídeos ativamente durante a ação, mas surgiu a dificuldade de trabalhar com esses dados após a performance. Como editar, o que fazer, como dar significado para os vídeos? Enfim foi um desafio a ser vencido, uma lacuna. Agora a pergunta é como trabalhar com os dados recolhidos? Ficou essa questão técnica a se resolver para os próximos encontros e o desafio foi colocado para que todos os integrantes tentem encontrar uma resposta que traga sentido para eles.

As produções dos desenhos e dos textos, que aconteceram nos dias 11/04/18 e 02/05/18 foram significativas, em alguns casos percebi qualidade técnica no desenho e na escrita. Em mais da metade, nota-se um cuidado estético até o final da feitura das duas linguagens. Nos demais o empenho durou pouco e o resultado não empolgou o aluno.

Conhecer e experienciar. Estratégia.

A estratégia é, segundo Pavis. “Atitude e modo de proceder de autor, do encenador ante o assunto a ser tratado ou da encenação a ser efetuada e, em última instância, da ação simbólica a ser exercida sobre o espectador.” (PAVIS, 1999, p. 148).

A intervenção que originou a possibilidade dessa pesquisa, diante do seu resultado com os alunos, professores e o diretor da escola, aconteceu na manhã do dia onze de dezembro de dois mil e dezessete, quando visitei 42 salas de aula, sala dos professores e gabinetes dos funcionários. Em cada sítio fiz apresentação de número teatral de mais ou menos um minuto, procurando construir com eles, nesse pequeno espaço de tempo, uma

intervenção teatral com início, meio e fim. Sempre começava a ação com iniciativa determinada, mas esperava retorno e quando vinha, moldava o encontro valorizando a ação dos miúdos, para partirmos juntos para o improviso teatral. O retorno dos alunos, dos professores e dos funcionários foi muito caloroso e modificador na sua maioria, mas em alguns casos senti que a comunicação entre artista e público não aconteceu, fragilizando a fruição.

Repetiu-se muitas vezes uma sequência de emoção por parte dos alunos, professores e funcionários que descrevo aqui: num primeiro momento olhavam desconfiados e com cordialidade evitavam o contato, quase não querendo ver. Depois surgia um interesse tímido e o início de uma conversa sem fala, baseado apenas em som e pausa, propostos por mim. Ora eu, ora eles e todos nós juntos. No final da intervenção, uma alegria por ter participado, um olhar generoso de gratidão e um até logo sugerindo novo encontro, por ambas as partes. Esses encontros muitas vezes finalizavam com uma palavra que sintetiza o sentimento dos alunos, professores e o meu desejo de artista e pesquisador: continuação.

Conclusão

Como análise final e fato relevante ressalto que parte dos alunos fez uma relação do acontecimento artístico vivido com as possibilidades de estar na vida.

Transcrevo aqui a entrevista da diretora de turma sobre a atuação dos alunos: "(…) como experiência pedagógica é interessantíssimo. Pois eles, diante de uma atividade artística, uma manifestação, poderem pensar, como disse o Cesar (aluno). Isso é arte? O que faz para que isso seja arte? Então tudo que nós podemos fazer na sala de aula pode ser arte, é arte? E se eles chegarem à ideia de tudo que eles podem fazer pode ser arte, desde que cumpra alguns critérios, isso é ótimo, não é? Uma aluna até disse, falando do Homem-banda, eu gostava de levar a vida trabalhando assim." Essa experiência com a performance estará presente na vida dos alunos que, ao imaginá-las, terão "a possibilidade de reencontrá-las na própria vida dos nossos devaneios de criança solitária viva (…) ou seja, nos instantes de sua existência poética." (BACHELARD, 1988, p. 94).

Iniciei com a ideia que todos podemos nos expressar como artista, de Beuys e finalizo a dialogar, com o autor e diretor brasileiro, Augusto Boal que com seu teatro do oprimido, levou a arte para o dia a dia das pessoas, pois para ele "a arte apresenta sempre uma visão de mundo em transformação e portanto, é inevitavelmente política, ao apresentar os meios de realizar essa transformação." (BOAL, 2005, p. 35).

Referências

BACHELARD, G. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BOAL, A. *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

NIETZSCHE, F. W. *O nascimento da tragédia ou Helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio Jacó Guinsburg. - São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NUNES, J.B. *Todos Somos Artistas: Um diálogo entre Nietzsche e Beuys*. Espírito Santo: Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.

PAVIS. P. *Dicionário de Teatro*. Tradução de Jacó.Guinsburg, J. e Pereira, M.L. São Paulo: Perspectiva, 1999.